

# PUBLICO.PT

## PÚBLICO: Edição Impressa Versão para cegos

8 de Março de 2010 - 11h03

Secções PÚBLICO Edição Impressa:

Suplementos PÚBLICO: [PÚBLICA](#), [ÍPSILON](#), [FUGAS](#),

### Um bom sistema

Miguel Esteves Cardoso

Miguel Esteves Cardoso nasceu em Lisboa, em 1955. O último livro que publicou foi *Em Portugal Não Se Come Mal*, em 2008. Está a escrever o libreto para uma ópera de Jorge Salgueiro. Miguel Esteves Cardoso nasceu em Lisboa, em 1955. O último livro que publicou foi *Em Portugal Não Se Come Mal* (2008). Está a escrever o libreto para uma ópera de Jorge Salgueiro.

inte escudos era muito dinheiro em 1964. Era uma nota. Até um escudo era dinheiro: continha dez tostões. Com um tostão comprava-se um rebuçado de hortelã-pimenta, embrulhado em papel de prata. Gelavam a garganta, sobretudo quando se acompanhavam com água fria.

Nas farmácias, apesar de o rebuçado e o preço serem idênticos, era promovido a pastilha de mentol. Fazíamos questão de pedir "um rebuçado de hortelã-pimenta" na farmácia, só pelo prazer de sermos corrigidos pela farmacêutica indignada: "Uma pastilha de mentol."

Uma nota de vinte escudos trocava-se por oito moedas de vinte e cinco tostões. Com uma moeda de vinte e cinco tostões compravam-se vinte e cinco rebuçados de hortelã-pimenta, com direito a cartucho e tudo.

Em minha casa havia semanadas de subsistência. Onde ganhávamos dinheiro era com as notas da escola, que iam de 0 a 20 valores. Um 10 não pagava nada mas, a partir do 11, o nosso pai dava-nos um escudo por valor. Se tivéssemos um 15, recebíamos quinze escudos. E, quando tivéssemos um 20 - coisa que levou o seu tempo -, esperava-nos uma nota de vinte escudos.

Foi em 1964 que recebi o meu primeiro 20, a aritmética. Mas quando o meu pai me deu a nota de vinte escudos, deixou de sorrir e pôs-se pensativo.

Eu enfiei logo a nota na algibeira, já tonto com os projectos de aquisições que tinha em mente. Mas o meu pai atrasou-me as conquistas comerciais:

"Espera aí, Miguel, isto não está bem..."

Não estava bem? Vinte escudos? O que é que poderia estar mais bem do que vinte escudos?

"Senta-te aqui para estudarmos o assunto. É que se 11 valores valem onze escudos, 20 valores não podem valer só vinte escudos. Ter 20 valores é muito difícil e tem de ser premiado como deve ser. Se o esforço entre ter um 14 e um 20 só significar mais seis escudos, não é justo..."

Quando percebi que ia receber mais do que vinte escudos (demorei um bocadinho), fiquei logo fascinado pelo problema. O meu pai lá conseguiu explicar-me a diferença entre uma progressão aritmética (1,2,3,4) e uma progressão geométrica (1,2,4,8).

Em princípio, eu preferia a aritmética. Tinha tido 20 a aritmética e arrepiava-me a geometria. Mas ao ver o meu pai a fazer e a explicar as contas, percebi que aquilo era, graças a Deus, 100 por cento aritmética.

Estivemos ali quase uma hora. No fim, determinou-se que 11, 12 e 13 valores eram pagos com 11, 12 e 13 escudos. Mas um 14, por ser nota de "dispensa", ganhava vinte escudos. Vinte escudos por um 14!

Um 15, 25 escudos. Um 16, 35 escudos. Um 17, 50 escudos. Um 18, 70 escudos. Um 19, 95 escudos. E um vinte? 125 escudos! O intervalo entre as recompensas subia quando se subia de nota.

Satisfeito, puxou da carteira e deu-me uma moeda de cinco escudos e, gigantesca, uma nota de cem escudos. Tanto dinheiro! Num país tão pequeno, com tão poucas coisas para comprar.

Com o andar dos tempos e a quantidade crescente de notas altas, os prémios baixaram e o 20 fixou-se em cem escudos.

Mas eu lembro-me é dos 125 de 1964. Estabeleci logo que estavam ali três quantias diferentes. Havia a nota de cem escudos para fazer uma grande aquisição. Havia a moeda de cinco escudos para as despesas normais (tremoços, matraquilhos, gasosas). Mas a nota de vinte era para estourar.

Era por ela que eu começava, derretendo dinheiro onde me apetecesse. A nota de cem ficava em casa, a proteger-me e a incitar-me.

A nota de vinte desaparecia imediatamente, substituída por um bolso cheio de moedas. Nem olhava a preços nem contava o dinheiro que ficava. Quando acabasse, acabava.

Assim financiei grandes paródias com os meus irmãos e amigos. Associei sempre a nota de vinte escudos com o prazer de desperdiçar dinheiro sem sofrer consequências de qualquer espécie. É um prazer que valia muito mais do que vinte escudos. Nesse sentido, era a melhor nota de todas.

Diverti-me tanto que nem saudades tenho. Tenho é saudades das sessões de contas com o meu pai. Na altura, eu não lhes dava grande valor. Queria era sair dali para torrar o dinheiro que tinha ganho.

Mas aquelas contas eram uma maneira de conversar. Sobre coisas ao mesmo tempo engraçadas e sérias. Ríamos muito. O meu pai conseguia dar a impressão de estarmos a descobrir coisas em conjunto. E algumas, se calhar, descobrimos mesmo.

Lembro-me de muitas. O grande tema era se a tabela deveria reflectir outros factores. O mais debatido era a facilidade com que se tinha obtido uma nota alta - por se ser mais ou menos inteligente; por ter mais ou menos esforço; por gostar ou não da matéria; por ter tido mais ou menos sorte; por ser mais ou menos merecida.

Fazíamos e refazíamos a tabela conforme mudávamos de critérios. Achava justo que recebêssemos cem escudos pelo 20 a inglês, atendendo ao facto de ser a nossa língua materna? Talvez não. E ele então respondia que talvez sim, porque isto é mais aquilo.

Achava justo que recebêssemos o dobro nas disciplinas que odiávamos? Qual é a ligação entre o gosto e o talento? E entre o trabalho e o prazer? E entre a qualidade e o tempo? Qual é o elemento de sorte? Qual é a relação esforço/recompensa mais vantajosa?

Que tal sermos nós a pagar quando tivéssemos negativas? Um escudo por um 9, dois por um 8... ou cem por um zero? Foi assim que aprendi os números negativos. Ou, pelo menos, a subtrair. Se tivéssemos um 8, um 12 e um 10, quanto é que receberíamos ou teríamos de pagar? Nada.

Foi assim que o meu pai me interessou pela filosofia política; fez de mim um relativista e, financeiramente falando, um incompetente.

Se eu tivesse conseguido seguir o meu plano original - 5 para as despesas, 20 para estourar, 100 para aquisições permanentes -, hoje tudo estaria bem.

Ou, se calhar, foi o plano que teve a culpa, dando-me a ilusão de ter um plano.

A verdade é que mal acabava de torrar os primeiros vinte e cinco escudos, entrava pela nota de cem adentro. A minha mãe bem me avisava que era uma pena desfazer a nota de cem, mas eu nunca percebi que estava a despedaçá-la.

Pelo contrário, ficava feliz quando comprava umas coisas com a nota de cem e o troco fosse como se a nota tivesse tido filhos: olha, mais quatro notas de vinte e moedas aos montes!

Nunca consegui poupar um tostão. É verdade que não os queria poupar. Queria era gastá-los e depois, quando tivessem acabado, ir estudar para ganhar mais. Era um bom sistema para quem gostava de estudar tanto como gostava de fazer asneiras. E era pequeno. E tinha pai. a

---

Fim

© Copyright PÚBLICO Comunicação Social SA